

## Rompendo os ecos do pensamento crítico: reflexões e conexões inesperadas

### ARTIGO

**Maria Luiza Salles Ricardo** <sup>i</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**Maria Vitoria Campos Mamede Maia** <sup>ii</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

### Resumo

Este estudo qualitativo investiga a formação do pensamento crítico através de uma pesquisa bibliográfica que triangula as teorias de Lev Vigotski, bell hooks e Donald Winnicott. A análise foca na imaginação e criatividade como abordagens oferece uma visão interdisciplinar sobre como o pensamento se desenvolve e se consolida, evidenciando seu potencial criativo e seu protagonismo na inventividade. A metodologia inclui revisão de literatura e análise de conteúdo, buscando compreender como as diferentes perspectivas teóricas interagem e contribuem para o entendimento mais amplo do pensamento crítico. Este estudo destaca o contexto social a partir do tema e a importância da educação transformadora no desenvolvimento de uma consciência crítica.

**Palavras-chave:** Pensamento crítico. Imaginação. Criatividade. Triangulação conceitual.

### Breaking the echoes of critical thinking: reflections and unexpected connections

### Abstract

This qualitative study investigates the formation of critical thinking through a bibliographic research that triangulates the theories of Lev Vygotsky, bell hooks, and Donald Winnicott. The analysis focuses on imagination and creativity as seeds for critical thinking. The conceptual triangulation between these approaches offers an interdisciplinary view of how thought develops and consolidates, highlighting its creative potential and its role in inventiveness. The methodology includes literature review and content analysis, aiming to understand how different theoretical perspectives interact and contribute to a broader understanding of critical thinking. This study emphasizes the social context of the topic and the importance of transformative education in the development of critical consciousness.

**Keywords:** Critical thinking. Imagination. Creativity. Conceptual triangulation.

## 1 Introdução

Este trabalho está articulado a uma das pesquisas do grupo Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino-aprendizagem (LUPEA), “O lúdico no ensino superior: uma

prática (im)possível?”, no qual a autora principal é bolsista PIBIC-CNPq. A monografia em andamento desta norteia a pesquisa aqui apresentada, que ainda se encontra em andamento. A partir dos debates e estudos no LUPEA, surgiu o interesse da primeira autora em investigar a relação entre a formação do pensamento crítico e o uso da imaginação, buscando entender os impactos dessa conexão para o desenvolvimento humano dos sujeitos na sociedade. Essa pesquisa é caracterizada como de cunho qualitativo e foi desenvolvida de forma teórica, ou seja, uma pesquisa bibliográfica em obras de três autores específicos: bell hooks (2009/2020), Vigotski (1930/2014), Winnicott (1971/2019; 1986/2021).

O pensamento crítico é um conceito amplamente estudado desde a Grécia Antiga até os dias de hoje, dispondo de diversas definições por incontáveis autores de diferentes vertentes e áreas do conhecimento. Sendo assim, é um conceito em constante construção, que depende de aspectos sociais e culturais daquele que estuda para a formação do pensar no ser humano hooks trabalha acerca do pensamento crítico a partir de suas vivências pessoais e acadêmicas, tendo como um dos alicerces principais de suas teorias o diálogo com Paulo Freire, autor da famosa frase que diz: quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor (Freire, 1968). A partir desse viés, hooks entende a educação como prática de liberdade para a construção da criticidade de sujeitos, com base no diálogo e entendimento dos mesmos sobre seus lugares no mundo acerca de gênero, raça, classe e qualquer diversidade. Assim, “ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e a mente de nossos estudantes” (hooks, 2020, p. 59).

Dessa forma, o pensamento crítico advém de olharmos além de nosso eixo e pensarmos diferentes caminhos sobre aquilo que fomos moldados a apenas ser um olhar. “Apenas ser” porque a ignorância de uma única doutrinação patriarcal capitalista imperialista supremacista branca imposta sobre nós cerca-nos das alteridades que nós mesmos somos e então, as abominamos.

Ainda assim, existem espaços dialógicos na sociedade em que podemos expor, entender e questionar nossas vivências e, então, atuar criticamente sobre as mesmas e

pensar em formas de mudança para nossas experiências vividas. Tal ato envolve o imaginar. O ato da imaginação para Vigotski (2014) está intimamente relacionado com a capacidade criadora. O autor discorre sobre a atividade cerebral ser algo que conserva experiências passadas, mas também que combina e cria. Nas palavras do autor,

3

Se a atividade humana se reduzisse apenas à repetição do passado, então o homem seria um ser voltado somente para o passado e incapaz de se adaptar ao futuro. É justamente a atividade criadora humana que faz do homem um ser que se projeta para o futuro, um ser que cria e modifica o seu presente (Vigotski, 2014, p. 3).

A criatividade que o autor cita não está ligada apenas a grandes descobertas da humanidade, mas sim ao que acontece no cotidiano, quando “o homem imagina, combina, altera e cria algo novo” (Vigotski, 2014, p. 5). A imaginação pensada como fundamento da atividade criadora se manifesta de modo cultural e possibilita o criar em diversos aspectos da vida. Sendo assim, tudo que nos rodeia e foi criado por mãos humanas, salvo o universo natural, se caracteriza como “produto da imaginação e criação humanas” (Vigotski, 2014, p. 4).

O conceito de criatividade é abordado a partir dos estudos de Winnicott (2019; 2020), onde em um deles, o mesmo fala que “é no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto tem liberdade para ser criativos” (Winnicott, 2019, p. 91). Tal sentença é dita pois o autor entende a criatividade como base para a existência e desenvolvimento humano, que é expressa no ato da brincadeira. Esse brincar ocorre no espaço potencial entre a imaginação e a realidade, sendo este local subjetivo identificado como a conexão da imaginação de Vigotski e o pensamento crítico de hooks.

## 2 Metodologia

Para este estudo de cunho qualitativo, a abordagem metodológica adotada foi a pesquisa bibliográfica que, segundo Gil (2002, p. 45), “se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto”. A pesquisa foi tratada sob o método da análise de conteúdo, conforme estabelecido por Bardin (2011), com foco na

identificação de temas que pudessem ser triangulados entre os autores das teorias abaixo. A escolha por essa abordagem metodológica baseia-se na necessidade de uma análise das obras dos três teóricos que fundamentam essa pesquisa: Lev Vigotski (2014), bell hooks (2020) e Donald Winnicott (2019; 2021). Os dados foram coletados por meio de revisão de literatura (Gil, 2002), com foco em livros dos três autores. Foram priorizadas obras que abordassem a educação crítica e o desenvolvimento da imaginação e criatividade. A escolha pela pesquisa bibliográfica (Gil, 2002) se justifica pela necessidade de, não apenas entender, mas entrelaçar as teorias desses autores que oferecem perspectivas distintas sobre o pensamento crítico. Entretanto, para esse estudo a proposta é que tais perspectivas se tornem complementares a respeito do desenvolvimento do pensamento e a criticidade que é construída.

Vigotski (2014), com sua ênfase em imaginação e realidade, proporciona a base para o entendimento de como o pensamento crítico é moldado e potencializado pelas interações socioespaciais e contextos culturais em que os sujeitos estão inseridos. Sua teoria fornece a base para explorar como o ambiente influencia a formação do pensamento crítico, a partir das experiências vividas pelos sujeitos e seu potencial criativo.

bell hooks (2020), por sua vez, amplia essa discussão ao introduzir uma dimensão de crítica social e resistência, posicionando o pensamento crítico como um ato emancipatório. Para hooks, o pensamento crítico é inseparável do contexto de opressões estruturais - sejam elas sociais, econômicas ou culturais - e da educação como prática de liberdade. Sua abordagem desafia os educadores a repensar suas práticas pedagógicas e a promover uma educação que não apenas informa, mas que também transforma e liberta.

Por fim, Donald Winnicott (2019; 2021) complementa essa triangulação teórica ao trazer a dimensão psicanalítica e o conceito de criatividade como essenciais para a formação de um pensamento crítico saudável. Suas noções de espaço potencial e ambiente suficientemente bom são fundamentais para entender as condições emocionais e psíquicas que permitem o amadurecimento do pensamento crítico. Winnicott nos leva a

considerar como a capacidade de ser criativo e a existência de um espaço seguro são cruciais para a capacidade de pensar criticamente.

A triangulação conceitual entre esses autores promove uma nova visão sobre o que é o pensamento crítico por suas experiências, formações e épocas distintas, proporcionando assim uma possível síntese teórica que leva em consideração a complexidade das interações entre cultura, política, psicologia e pedagogia. Assim, sob uma perspectiva ampliada e interdisciplinar sobre o tema, podemos visar a identificação entre pontos de convergência e divergência, proporcionando uma nova fundamentação de análise sobre as origens, condições e processos envolvidos na formação do pensamento crítico.

### 3 Resultados e Discussão

Para início das discussões, é importante salientar a visão de Vigotski (2014) sobre criatividade onde,

No sentido vulgar da palavra, a criatividade é privilégio de pessoas seletas, gênios, talentos, autores de grandes obras de arte, de grandes descobertas científicas ou de importantes aperfeiçoamentos tecnológicos. Reconhecemos e admitimos com facilidade a criatividade presente na obra de Tolstoi, de Edison e Darwin, mas tendemos a pensar que a criatividade não existe na vida do homem comum. [...] No entanto, como já dissemos, esse tipo de concepção sobre o assunto é errônea. Um grande sábio russo dizia que assim como a eletricidade atua e se manifesta, não apenas no local onde ocorre uma grandiosa tempestade, ou na luminosidade dos relâmpagos ofuscantes, mas também na lâmpada da lanterna do bolso, assim também existe de fato criatividade não só quando se criam grandiosas obras históricas, mas, também, sempre que o homem imagina, combina, altera e cria algo novo, mesmo que possa parecer insignificante quando comparado às realizações dos grandes gênios (Vigotski, 2014, p. 5).

Portanto, a ideia que o autor traz continua em evidência até os dias de hoje onde, infelizmente, qualquer traço de criatividade, imaginação ou ludicidade é ligado diretamente à infância. Entretanto, o que Vigotski apresenta na citação acima, igualmente aparece nos estudos de Winnicott, evidenciando como os traços supracitados são essenciais para o desenvolvimento dos sujeitos em sociedade. Vigotski define imaginação como

[...] essa atividade criadora do cérebro baseada nas capacidades combinatórias, atribuindo a elas um sentido diferente daquele que lhe é atribuído cientificamente. Na sua concepção comum, a imaginação ou a fantasia designam aquilo que é irreal, o que não corresponde à realidade e, portanto, sem nenhum valor prático. No entanto, a imaginação como fundamento de toda a atividade criadora manifesta-se igualmente em todos os aspectos da vida cultural possibilitando a criação artística, científica e tecnológica (Vigotski, 2014, p. 4).

6

Assim, o autor deixa claro que tudo aquilo que a humanidade produziu partiu da atividade humana criadora que advém da imaginação. Essa concepção estabelece a imaginação como base para as criações, desde resolver um problema simples como amarrar o cadarço até elementos mais complexos como a construção de uma ponte. O ponto é, a imaginação está em todas as nossas ações cotidianas apesar de ignorarmos suas origens e a tratar como algo infantil, nos agarrando a copiar comportamentos vistos como “certos” e nos esquecendo como inventar.

A partir desta ideia, Vigotski distingue dois tipos básicos de ação: a atividade reprodutiva e a atividade criativa (ou atividade humana criadora como usada acima). Para o autor, a atividade reprodutiva pode ser definida como a reprodução de normas e comportamentos que já tenham sido criados e que se expressam através de nossas memórias ao tentarmos reproduzir traços de impressões vividas. Assim, o que diferencia as atividades é que na reprodutiva nada é criado, apenas reproduzido com maior ou menor precisão de alguma coisa existente. Já a atividade criativa, como o nome já demonstra, a criação acontece, podendo advir de uma experiência já vivida, mas com um novo desdobramento, ou, de uma vivência completamente nova sem precedentes.

Nesse sentido a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimentos humano, transforma-se em meio para ampliar a experiência do homem porque, desse modo, este poderá imaginar aquilo que eu nunca vi, poderá, a partir da descrição do outro, representar para si também a descrição daquilo que na sua própria experiência pessoal não existiu, o que não está limitado pelo círculo e fronteiras estritas da sua própria experiência, mas pode também ir além das suas fronteiras, assimilando, com ajuda da imaginação, a experiência histórica e social de outros (Vigotski, 2014, p. 15).

Os pontos que Vigotski (2014) traz são essenciais para entender a imaginação como uma ferramenta vital para romper o ordinário e alcançar o extraordinário. Tal

ordinário é entendido como normas e comportamentos que a sociedade nos impõe por conta do viés capitalista do século XXI, onde nada abaixo da produtividade conta, e a partir disso, mecanismos como: educação padronizada, evasão escolar, pressão da conformidade, alienação pelas mídias e o medo do fracasso acabam por suprimir a imaginação. E, tratando-se do ponto de vista brasileiro, é necessário entender que “o Brasil não é um país pobre, mas um país com muitos pobres. [...] Em que os elevados níveis de pobreza que afligem a sociedade encontram seu principal determinante na estrutura da desigualdade brasileira” (Barros; Henriques; Mendonça, 2000, p. 1). Como cativar a imaginação em um cenário socioeconômico cultural insuficientemente bom? Talvez, por meio da resistência que emerge da mesma. Com isso, Vigotski fala que

Ao surgir como resposta às nossas inspirações e impulsos, a construção da imaginação aproxima-se da realidade. Em virtude dos impulsos a ela vinculados, a imaginação tende a ser criativa, isto é, ativa e transformadora daquilo para o qual está orientada a sua atividade (Vigotski, 2014, p. 47).

Assim, a imaginação é um meio de transformação dessa realidade. Em um Brasil onde a desigualdade social é marcante e as barreiras socioeconômicas limitam o acesso a recursos culturais e materiais, a imaginação torna-se o canal para expressar os sentimentos com as condições de vida. O processo criativo de comunidades é um campo fértil de expressões culturais, o qual as ações - sejam artísticas, arquitetônicas etc. - nascem para além do pensar, mas do viver crítico. Crítico esse que carrega o sentido de criticidade presente no trabalho, mas também de árduo, custoso e cansativo do viver em uma sociedade que nos apaga se não for o que ela quer. Como Freire (1996/2022) destaca que a educação deve ser um ato de liberdade, permitindo ao sujeito desenvolver sua capacidade crítica e criativa. Nessa perspectiva, a imaginação deixa de ser um luxo e se torna uma necessidade, um instrumento vital para resistir às pressões do conformismo e para vislumbrar novas possibilidades de existência.

Winnicott (2019, p. 108) pontua que “muitos indivíduos experimentaram apenas o suficiente da vida criativa para reconhecer que, na maior parte do tempo, vivem de maneira não criativa, como se estivessem presos na criatividade de outra pessoa ou de uma

máquina”. Essa citação resume o que a sociedade brasileira vive. De forma geral, não é possível viver de maneira suficientemente boa pela falta de políticas públicas e cuidado do Estado. A ideia de criatividade aceita atualmente é aquela ditada pelas grandes mídias, de forma alienada para a população mais carente, trazendo-as uma sensação de serem notadas e consideradas, quando na verdade são apenas a mão de obra para os fins de grandes empresas.

Dessa forma, a maior parte da população brasileira (e do mundo) vive presa na criatividade engrenada ensinada pela grande mídia, que cativa de forma manipulada essas pessoas. Para Winnicott (2020), o ambiente não precisa ser perfeito, mas deve ser suficientemente bom para atender às necessidades básicas para o desenvolvimento dos sujeitos, oferecendo segurança, estabilidade e espaço para o crescimento. Tais requisitos não são cumpridos pelo Estado, que não protege a população do alheamento sofrido e que incentiva as mídias e as empresas a continuar com tal conduta.

No que discorre Winnicott, o mesmo aponta que “a criatividade é própria do estar vivo” (2021, p. 46). Em um ambiente suficientemente bom, onde essa criatividade é estimulada desde a infância, a criança explora o mundo de forma autêntica, conhecendo seu redor, atribuindo significados e descobrindo novas experiências a partir do brincar. Por meio dessa exploração, com o crescimento do indivíduo, a interação com o mundo traz questionamentos sobre as normas estabelecidas em relação à sua realidade, todas as experiências vividas e o que fazer para transgredir a ordem.

Quando o indivíduo percebe a sociedade quase por inteira foge dos mecanismos de supressão da imaginação, o ato de pensar criticamente emerge como uma emancipação do pensar, onde aquele ato deixa de ser sobreposto pelas alienações sociais e passa a emergir tendo em vista não só a realidade em que vive, mas, como tais alienações são mecanismos de um sistema muito maior e como elas corrompem a vida da população em geral.

O poder da imaginação e da criatividade é muito maior do que é elucidado para nós. Ao imaginar, trazemos a atividade reprodutiva com todo o escopo de vivências e começamos a exercer a atividade criadora para novas significações e indagações sobre a

realidade vivida. Desta forma, a imaginação ganha um novo papel, sendo uma prática de liberdade capaz de desafiar as imposições sociais e criar novas realidades que transcendem as limitações do imaginário social.

O trabalho de hooks é a obra mais atual da triangulação deste estudo e, por isso, a que mais se articula com a vivência dessa geração. Com isso, seu local de fala dentro da discussão faz-se forte e necessário para este trabalho, pois corrobora com as concepções de Vigotski e Winnicott, que se mostram válidas até hoje.

Os estudos desta autora nascem de suas experiências como mulher, negra e professora de uma universidade nos Estados Unidos. O ponto chave de seus escritos é o seu ser. Ser uma mulher, negra e professora em um Estados Unidos midiático, e, de sistema corrompido para desfavorecer a população que não se encaixa em seus padrões trouxe a ela uma vivência crítica do que é ser minoria em um ambiente estruturalmente desfavorável ao seu ser.

Uma das suas inspirações foi o educador Paulo Freire que, a partir de suas obras sobre a pedagogia crítica, traz a concepção de uma educação que não separa a dimensão política da pedagógica, focando na educação de trabalhadores e tratando sua alfabetização como emancipatória para suas vidas, não por aprender a ler e escrever, mas por os ensinar a partir da realidade deles, a entendendo e a aplicando nos estudos dos alunos com um viés politizante. Tal ação atinge hooks como educadora, fazendo-a seguir a pedagogia freireana mas também criticá-la pelas lacunas de representatividade. hooks eleva a pedagogia crítica de Freire à representatividade que faltava, com suas vivências pessoais e profissionais. Pode-se dizer que a autora utilizou a atividade reprodutiva, com a assimilação da teoria de Freire, junto à sua atividade criativa, com seus indagamentos sobre tal teoria, resignificando a mesma por trazer sua singularidade de vida como contraponto a ela. Então, pode-se dizer que foi a imaginação de hooks que fez transbordar seu trabalho.

hooks diz que “o cerne do pensamento crítico é o anseio por saber” (2020, p. 31), saber esse que surge da imaginação e expressa-se pela criatividade dos questionamentos. Entretanto, hooks denuncia que

Infelizmente, a paixão das crianças por pensar termina, com frequência, quando se deparam com um mundo que busca educá-las somente para a conformidade e a obediência. A maioria delas é ensinada desde cedo que pensar é perigoso (hooks, 2020, p. 32).

10

O pensar manifestado pela visão de hooks é a imaginação e criatividade de Vigotski e Winnicott, e o “pensar perigoso” é aquele explicado acima como um resultado das manobras do sistema. A estruturalização desse sistema decorre de séculos de imperialismo que resultam na maior parte da formação das estruturas sociais atuais. Essas estruturas não são detidas completamente pelo sistema por conta das manifestações ocorridas pelas minorias - que apenas são denominadas assim por não seguirem os padrões sociais, econômicos, raciais e de gênero que o sistema propaga, pois em questão quantitativa, essas “minorias” são maioria - e suas lutas pela igualdade de direitos, na tentativa de viver e não sobreviver em um mundo que constantemente tenta apagar suas trajetórias.

Precisamos de mais relatos autobiográficos da primeira geração de estudantes negros que ingressaram em escolas e universidades predominantemente brancas. Imagine como é ter aulas com um professor que não acredita que você é totalmente humano. Imagine como é ter aulas com professores que acreditam pertencer a uma raça superior e sentem que não deveriam ter de se rebaixar dando aulas para estudantes que eles consideram incapazes de aprender. Em geral, sabíamos quais professores brancos nos odiavam e evitávamos suas aulas, a menos que elas fossem absolutamente imprescindíveis. Como a maioria de nós chegou à faculdade na esteira de uma poderosa luta antirracista por direitos civis, sabíamos que encontraríamos aliados nessa luta — e, de fato, encontramos. Notadamente, o machismo confesso de meus professores da graduação era mais duro que seu racismo velado. Ir para a escola nesse estranho e novo clima de mudança racial era tão estimulante quanto assustador. Naqueles dias, quase todo mundo anunciava o surgimento de uma nova era de igualdade e educação democrática, mas, na realidade, as velhas hierarquias de raça, classe e gênero permaneciam intactas. E rituais recém-construídos asseguravam sua manutenção. Tentar conciliar esses dois mundos — aquele em que éramos livres para estudar e aprender como todas as outras pessoas e aquele em que continuamente nos lembravam de que não éramos iguais a elas — me deixou um pouco esquizofrênica. Eu queria aprender e gostava de aprender, mas tinha medo da maioria dos meus professores (hooks, 2020, p. 24-25).

Dessa forma, a citação de hooks contextualiza e reforça o argumento sobre como as hierarquias de raça, de gênero e de classe perpetuam a marginalização de

determinados grupos, limitando o acesso ao conhecimento e a valorização da criatividade e imaginação que desafiam essas estruturas. Falar sobre a estruturalização do mundo é de suma importância para entender como a imaginação e a criatividade propagaram-se por ele. Ao pensarmos em grandes nomes das diversas áreas do conhecimento, a maioria são homens brancos nascidos em países colonizadores, aqueles que viviam no “berço” da civilização e constituíram as bases da sociedade dos dias de hoje. Essa realidade é um reflexo do que hooks (2020) aponta em seus estudos como o domínio de uma visão única de mundo, que exclui e marginaliza aqueles que não se encaixam nos padrões estabelecidos pelo sistema e os apaga da história. A imaginação e a criatividade, nesses contextos, são suprimidas pelo ambiente que não reconhece aqueles que estão fora das estruturas de poder predominantes. A exclusão de representações não normativas, como as de mulheres, pessoas negras, indígenas, e outros grupos marginalizados, reforça a perpetuação de um conhecimento que é limitado e que serve para manutenção das hierarquias existentes. Assim, um ciclo vicioso é criado, onde o "saber" que emerge é aquele que se alinha aos interesses dos dominadores, enquanto as outras formas de conhecimento, que poderiam desafiar e expandir nossas compreensões do mundo, são relegadas ao esquecimento.

hooks, ao refletir sobre sua própria experiência como uma mulher negra em instituições predominantemente brancas, traz a importância de romper com essas narrativas hegemônicas e de criar espaço para que outras histórias e perspectivas sejam ouvidas e valorizadas. Ela traz os preceitos de Freire, onde a educação deve partir da realidade do aluno, para ressignificar o modo de ensino-aprendizagem de seus estudantes. A pedagogia crítica, então, torna-se não apenas uma ferramenta de ensino, mas uma forma de resistência, uma maneira de subverter o status quo ao permitir que a imaginação e a criatividade floresçam em lugares onde antes eram reprimidas.

O reconhecimento da necessidade de ampliar as vozes que constroem o saber - o povo - é fundamental para a formação de um conhecimento verdadeiramente democrático e questionador. Só é possível para um sujeito questionar-se da realidade em que vive quando entende sua trajetória, seu local de fala e as carências de acesso que

tem. A partir disso, como afirma Winnicott (2019, p. 164), “a ‘criança deprivada’ é notoriamente inquieta e incapaz de brincar, além de ter uma capacidade limitada de vivenciar o campo cultural”. Ou seja, a privação de condições básicas para a constituição de um ambiente suficientemente bom, a fim do desenvolvimento dos sujeitos, delimita os estímulos imaginativos oferecidos à população. Em diálogo com a fala de Winnicott, hooks afirma que

Sem uma mentalidade descolonizadora, estudantes inteligentes, vindos de contextos desprovidos de direitos, frequentemente pensam ser difícil ter sucesso nas instituições educacionais da cultura do dominador ponto e isso ocorre até mesmo com os estudantes que incorporaram os valores da cultura dominante (hooks, 2020, p. 56).

Assim, a restrição das oportunidades criativas reforça as desigualdades sociais, pois aqueles que têm menos acesso às vias culturais sempre serão mantidos em uma posição de desvantagem. A pedagogia crítica, como defendida por hooks e Freire, ressignifica essa realidade com a criação de espaços onde a imaginação pode ser cultivada e utilizada como uma ferramenta crítica de resistência e emancipação. Através do reconhecimento e valorização das perspectivas e experiências de vida de cada pessoa, é possível construir uma educação que não ensina um conteúdo distante de suas realidades, mas que as use como lembrete de que lugar ocupamos no mundo e como podemos fazer a diferença. Em um dos trechos do capítulo intitulado, “Imaginação” da obra de hooks, ela mais uma vez enfatiza e, com isso, denuncia:

Vivemos em um mundo em que crianças pequenas são incentivadas a imaginar, desenhar, pintar quadros, criar amigos imaginários, novas identidades, ir para onde quer que a mente os leve. Então, à medida que a criança cresce, a imaginação é vista como perigosa, uma força que possivelmente impediria a aquisição de conhecimento. Quanto mais alto uma pessoa sobe na escada do aprendizado, mas pedem que ela se esqueça da imaginação (a menos que tenha escolhido um caminho de criatividade, estudo das artes, produção de filmes etc.) e se concentre na informação que realmente importa (hooks, 2020, p. 104).

Continuando, a mesma autora nos fala da morte da imaginação ao afirmar que, “na cultura do dominador, matar a imaginação serve como meio de reprimir e conter todo mundo dentro dos limites do *status quo*” (hooks, 2020, p. 105).

Tais trechos demarcam a tensão existente entre a imaginação e a estruturalização do conhecimento aceito dentro de uma sociedade que valoriza a conformidade às normas estabelecidas. O olhar de hooks sobre como a imaginação é reprimida à medida que as pessoas avançam em seu crescimento revela um sistema que molda seus indivíduos para se ajustarem às expectativas das forças dominantes, ao invés de cultivar o pensamento crítico e a criatividade. Nesse contexto, a imaginação não é apenas negligenciada, mas suprimida representação de uma ameaça ao *status quo* social. Ao entender a imaginação como uma força potencialmente subversiva, hooks aponta para a necessidade de resgatá-la no processo educacional como uma forma de resistência. Assim, a imaginação torna-se uma prática essencial de rompimento com as narrativas hegemônicas e possibilita a emergência de novas formas de pensar e agir no mundo, como um instrumento vital para a chegada de novas gerações. Trata-se de um movimento de resgate do poder criativo dos sujeitos, que, por tanto tempo foram passivamente moldados por uma educação que lhes pede para esquecer a imaginação, tornando-os massa de manobra. Tal resgate trará as bases para questionar, criticar e, eventualmente, subverter as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade.

Refletindo sobre todos esses fatos, a imaginação está presa em um movimento de eco. Eco é o fenômeno onde uma onda sonora é refletida por uma superfície e retorna ao ponto de origem, sendo esse processo reproduzido até uma nova onda surgir. O estado da sociedade é de um constante eco, que vai sendo alimentado constantemente com as instruções dos poderes dominantes a fim de firmarem mais e mais seu status dominador. Dessa forma, as instruções ecoadas para a sociedade a conservam em sua passividade não-pensante. Por isso o medo da imaginação.

Para este estudo, o pensamento crítico é originado na imaginação. Seu exercício é maquiado pelo sistema como algo que apenas estudiosos com diplomas tem, sendo exclusivo para aqueles que seguem um caminho acadêmico formal. No entanto, essa visão restringe o acesso ao pensamento, desvalorizando as experiências e saberes que nascem de contextos populares e cotidianos. Acreditar que o pensamento crítico é algo exclusivo das elites intelectuais é a forma das mesmas perpetuarem as desigualdades que

as deixam acima de todos. Como mostrado pelos três autores base desse texto, a imaginação é a fluência da combinação de experiências vividas com o novo. Ser criativo é pensar no novo a partir de sua realidade.

Portanto, é pela imaginação que as pessoas podem visualizar um mundo diferente e, a partir daí, começar a construir as bases para a mudança. Assim, democratizar o acesso ao pensamento crítico é a chave para a emancipação do saber e a transformação social, permitindo que todos os sujeitos, independentemente de sua formação, possam engajar-se na construção de uma sociedade, sendo deles para eles.

## 4 Considerações finais

Este trabalho buscou explorar a intersecção entre imaginação, criatividade, pensamento crítico e educação, com especial atenção às contribuições teóricas dos autores Vigotski, Winnicott e hooks, e entender como suas teorias poderiam ser complementares umas às outras. Pela primeira análise feita sobre as perspectivas desses autores, foi possível perceber como a imaginação não está apenas nos grandes feitos da humanidade, mas também no cotidiano, ao exercermos nossas atividades reprodutivas combinadas as criativas.

Ao longo desta investigação, ficou evidente que a imaginação desempenha um papel crucial na construção de uma educação que transcenda a mera transmissão de conhecimento e que promova uma mudança profunda nos sujeitos. Vigotski nos mostra que a imaginação não é um dom reservado a poucos, mas uma capacidade fundamental de vida para todos, essencial para superar as limitações da realidade e criar novas possibilidades. Já Winnicott mostra como a criatividade é uma expressão natural da vida, sendo base da existência e do desenvolvimento humano, onde o espaço potencial entre o sujeito e o mundo exterior é um lugar fértil para a emergência do novo. bell hooks, por sua vez, destaca a importância de uma pedagogia crítica, que valoriza a experiência vivida dos educandos, suas realidades e quem eles são perante a sociedade, buscando por essas bases uma educação que é, ao mesmo tempo, intelectual e crítica.

A complementaridade dessas perspectivas nos leva a entender que a imaginação e a criatividade não podem ser dissociadas do pensamento crítico. É simples e claro a forma como o pensar criticamente tem seu princípio na imaginação. Em uma sociedade marcada pela desigualdade social e pela pressão de normas e conformidades sociais, essas capacidades são ferramentas indispensáveis para a resistência perante as estruturas opressoras para encontrar novas formas de existência. Quando compreendemos que a imaginação está presente nas atividades cotidianas e nas práticas educativas, percebemos seu poder transformador não apenas como um escape, mas como uma ação de engajamento ativo com a realidade.

Assim, para que a educação possa realmente cumprir seu papel transformador, é necessário que as práticas pedagógicas incorporem e estimulem a imaginação, a criatividade e o pensamento crítico de maneira integrada, entendendo a importância de cada uma e valorizando a singularidade de expressão de cada sujeito. Isso não apenas enriquecerá o processo educativo, mas também corroborará para que os indivíduos se tornem agentes de mudança em suas realidades e em suas comunidades.

Em última instância, a interseção entre as teorias de Vigotski, Winnicott e hooks nos oferece uma ideia de construção de pensamento crítico que é, ao mesmo tempo, profundamente humana e radicalmente transformadora. Esse pensamento crítico vai além da simples reflexão intelectual, abrangendo a totalidade da experiência humana, incluindo as dimensões afetivas e éticas do mundo.

A maioria dos professores não é intelectual. Há muitos professores que não são pensadores críticos. É importante notar que não é necessário ser intelectual ou acadêmico para se engajar em pensamento crítico. Todo mundo se envolve com o pensar na vida diária. Há várias situações enfrentadas por pessoas comuns que exigem que elas examinem a realidade para além do que é superficial, para conseguirem enxergar a estrutura profunda. Essas situações podem levá-las a refletir sobre as questões relacionadas a quem, o quê, onde, quando, como e por quê; e, então, começar a trilhar o caminho do pensamento crítico. Quando aceitamos que todo mundo tem habilidade para usar o poder da mente em integrar pensamento e prática, reconhecemos que o pensamento crítico é uma forma totalmente democrática de saber (hooks, 2020, p. 281).

Portanto, quando hooks desafia a ideia de que o conhecimento deve ser reservado apenas às elites, ela amplifica a significação do que é ser um pensador crítico, firmando o pensamento crítico como uma forma democrática do saber que todos podemos ajudar a construir. Ao reunir essas perspectivas, uma visão de mundo emerge onde a imaginação e a criatividade não apenas formam indivíduos reflexivos, mas também os capacitam a serem protagonistas na construção de uma sociedade em constante evolução social. Nesse sentido, o espaço educacional deve ser onde a imaginação é fundamental para a construção de um conhecimento que realmente importa, um conhecimento que não apenas informe, mas também inspire a ação transformadora. A pedagogia crítica, então, é o rompimento do eco imposto pelas forças dominantes para que voltemos a imaginar e, através dessa imaginação, reinventemos o mundo.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROS, R. P. de; HENRIQUES, R.; MENDONÇA, R. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 15, n. 42, p. 123–142, fev. 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 72. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOOKS, b. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**. Tradução de B. Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criatividade na infância**. Ensaio de Psicologia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. 3. reimpr. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. 1. reimpr. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

**i** **Maria Luiza Salles Ricardo**, ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6903-6653>

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação; Curso de Pedagogia

Estudante de Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faz parte do grupo de pesquisa "Criar e Brincar: O lúdico no processo de ensino-aprendizagem", coordenado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Vitória Campos Mamede Maia, onde é bolsista PIBIC-CNPq desde 2022.

Contribuição de autoria: autor principal do texto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7567341209460387>

E-mail: [marialuizasricardo@gmail.com](mailto:marialuizasricardo@gmail.com)

**ii** **Maria Vitória Campos Mamede Maia**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9697-824>

Universidade Federal do Rio de Janeiro; Faculdade de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação

Professora Doutora aposentada da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Educação, Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Coordenadora do Grupo de pesquisa LUPEA. Pós-doutora em Design Pedagógico (PUC-RJ), Doutora em Psicologia ((PUC-RJ), Mestre em Literatura Brasileira (PUC-RJ), atua como psicóloga, psicanalista e psicopedagoga.

Contribuição de autoria: co-autor.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0576323713492756>

E-mail: [mariavitoriamai@ufrj.br](mailto:mariavitoriamai@ufrj.br)

**Editora responsável:** Francisca Genifer Andrade de Sousa.

**Especialista *ad hoc*:** Vitória Chérída Costa Freire e Ana Carolina Braga de Sousa.

### Como citar este artigo (ABNT):

SALLES RICARDO, Maria Luiza.; MAIA, Maria Vitória Campos Mamede. Rompendo os ecos do pensamento crítico: reflexões e conexões inesperadas. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, n. e14263, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/14263>

Recebido em 06 de maio de 2024.

Aceito em 17 de agosto de 2024.

Publicado em 18 de outubro de 2024.